

SUJEITOS INOMINADOS E LUGARES SIGILOSOS:

A CONSTITUIÇÃO DOS ALCOÓLICOS ANÔNIMOS NA CIDADE DE FORTALEZA

Raul Max Lucas da Costa*

RESUMO

Este artigo objetiva analisar a inserção histórica da Irmandade Alcoólicos Anônimos (AA) na cidade de Fortaleza a partir de suas condições de possibilidade enquanto discurso. Como método, realizamos uma pesquisa historiográfica elegendo as seguintes fontes primárias: jornais, livros, revistas e a literatura de AA. No tocante ao referencial teórico, elegemos autores do campo da história e de disciplinas afins. Como resultados, constatou-se que em Fortaleza a formação dos primeiros grupos de AA ocorreu nas regiões de maior circulação e consumo alcoólico como o centro da cidade. A divulgação dos serviços de AA foi intensa, considerando as restrições do anonimato grupal. Os AA eram apresentados como uma alternativa aos procedimentos terapêuticos tradicionais e como possibilidade de regeneração moral e social. Concluímos que a inserção da irmandade de AA em Fortaleza foi possível pelo engajamento atuante de seus primeiros membros na imprensa e por sua discursividade que agregava preceitos psicológicos, médicos e espirituais, estabelecendo uma contínua identificação entre seus membros anônimos e os consumidores da cidade a partir do relato da história individual e da memória coletiva da Irmandade.

Palavras-chave: Alcoólicos Anônimos, Cidade, Alcoolismo, Terapêutica e História.

ABSTRACT

This study aims to analyze the historic implementation of the Fellowship Alcoholics Anonymous (AA) in the city of Fortaleza, Ceará, Brazil, from the perspective of its conditions of possibilities as discourse. As a method, historiographic research was carried out by choosing newspapers, books, magazines and the AA literature as primary sources, and authors from the field of History and correlated areas as references. As a result, it was noticed that in Fortaleza the constitution of the first AA groups occurred in the areas with more alcohol circulation and consumption, like the city center. The divulgation of the AA services was intense, considering the restrictions on group anonymity. The AA was presented as an alternative to the traditional therapeutic procedures and as a moral and social rehabilitation possibility. The conclusion is that the implementation of the AA Fellowship in Fortaleza was possible due to the active engagement of its first members in the press and to its discursivity, which featured psychological, medical, and spiritual precepts, establishing continuous identification between its anonymous members and the consumers in the city from the account of the individual story and of the collective memory of the Fellowship.

* Graduado em História pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Graduado em Psicologia pela Universidade Fortaleza (UNIFOR). Mestre em História Social pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professor do curso de Psicologia da Faculdade Leão Sampaio, Juazeiro do Norte-CE. CEmail: raulmaxpsi@yahoo.com.br

Keywords: Alcoholics Anonymous. City. Alcoholism. Therapeutics. History.

Introdução

Desde sua fundação em 1935 os Alcoólicos Anônimos (AA) se apresentam como uma irmandade anônima de ex-bebedores que concebem o alcoolismo como uma doença alérgica. Para os AA, não há uma cura para o alcoolismo, mas uma recuperação seria possível através de um programa de 12 passos e 12 tradições em prol de uma abstinência total as bebidas alcoólicas.¹ Hoje, a presença dos AA em vários países e sua aceitação e expansão no Brasil revelam o estabelecimento de uma irmandade com preceitos e procedimentos alternativos as políticas de saúde vigentes.

Na cidade de Fortaleza, a intensificação da produção, circulação e consumo de bebidas alcoólicas acompanhou o processo de crescimento e reformas urbanas da cidade. Desde os primeiros registros oficiais, no Ceará as bebidas alcoólicas destiladas, em destaque a aguardente de cana-de-açúcar, consistiram num ramo comercial importante da economia estatal. Na passagem do século XIX para o século XX houve um considerável aumento na oferta e conseqüente consumo de bebidas alcoólicas fermentadas como as cervejas e os vinhos nacionais e importados.²

Concomitante a maior circulação e consumo de bebidas alcoólicas na cidade, ocorreu uma preocupação com os modos de consumo dos trabalhadores e da população pobre citadina. O alcoolismo era considerado pelas elites sociais como uma doença moderna, social e das camadas pobres ao lado de outras doenças como a sífilis e a tuberculose.

Nas primeiras décadas do século XX ocorreram em Fortaleza campanhas antialcoólicas dirigidas aos trabalhadores, estudantes, policiais, soldados, comerciantes, pescadores e ambulantes, dentre outros. Boa parte dessas campanhas era empreendida por médicos, pedagogos, religiosos e gestores públicos inspirados nas teorias eugenistas e adeptos do movimento de Higiene Mental.

¹ ALCÓOLICOS ANÔNIMOS. *Alcoólicos Anônimos: a história de como milhares de homens e mulheres se recuperaram do alcoolismo*. São Paulo: JUNAAB, 2010. (publicação original: 1939).

² COSTA, Raul Max Lucas da. *Tensões Sociais no Consumo de Bebidas Alcoólicas em Fortaleza: trabalhadores, ébrios, boêmios e alcoólatras (1915-1935)*. Dissertação de Mestrado em História Social. Universidade Federal do Ceará - UFC: 2009. 209p.

Concomitante a estas intervenções higienistas de cunho preventivo as terapêuticas ofertadas ao alcoolismo na cidade eram prioritariamente internações psiquiátricas em instituições públicas e privadas como o Asilo São Vicente de Paulo (1886) e a Casa de Saúde São Geraldo (1935), respectivamente. No final da década de 1960 surgem os primeiros grupos de AA de Fortaleza como alternativa terapêutica ao alcoolismo.

Este trabalho objetiva, portanto, historicizar a constituição da irmandade Alcoólicos Anônimos (AA) na cidade de Fortaleza, considerando os registros individuais e coletivos de seus primeiros membros. Elegemos o período histórico de 1968 a 1988 que abrange o surgimento do AA e a comemoração de seus 20 anos na capital cearense. Destacamos desde já o pioneirismo da inserção e a extensão do número de grupos de AA em Fortaleza em comparação com outras cidades nordestinas.

Para uma melhor abordagem do recorte histórico proposto será necessário contextualizar as condições de possibilidade da inserção da irmandade AA na cidade, partindo dos registros de internação de alcoolistas no Asilo São Vicente de Paulo na década de 1950 e da “psicologização” do alcoolismo e das práticas de Higiene Mental entre as décadas de 1930 a 1960.

No campo da historiografia, a presente pesquisa objetiva avançar nas questões metodológicas e teóricas sobre a história das bebidas alcoólicas e das drogas, buscando enfatizar uma perspectiva histórica social das práticas de consumo alcoólico.

Por uma história social das bebidas alcoólicas

Em *Bebida, Abstinência e Temperança* Henrique Carneiro³ propõe uma historiografia da embriaguez diferente da história material das bebidas alcoólicas ao ressaltar os aspectos psicossociais presentes no consumo alcoólico:

A história da embriaguez não deve ser confundida com uma mera história das bebidas, como se estas assumissem o lugar dos sujeitos históricos, mas deve ser muito mais uma história das formas culturais das ingestões. A história das bebidas como produtos é sempre a mais fácil e a mais comum, e há diversas histórias da cerveja, do vinho, da vodca, etc. em muitos países. Fala-se de marcas, fábricas, comércio, mas muito pouco dos efeitos psicológicos e sociais dessas ingestões.⁴

³ CARNEIRO, Henrique. *Bebida, Abstinência e Temperança*: na história antiga e moderna. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2010.

⁴ CARNEIRO, Henrique. *Bebida, Abstinência e Temperança*: Op. Cit, p.13.

Por ultrapassar a perspectiva da bebida alcoólica como objeto cultural, interrogando sobre seus modos de ingestão, Carneiro lança algumas indicações metodológicas sobre a história da embriedade. Enumeramos didaticamente quatro premissas que seguem uma mesma seqüência metodológica.⁵

A primeira é de que a história da embriaguez, ao ir além de seus produtos, valoriza as práticas, atos, discursos, gestos, palavras em torno da ingestão alcoólica. Nessa perspectiva, Carneiro atenta para a multiplicidade e diversidade das fontes sobre a embriaguez: textos literários, normativos, médicos, policiais, jurídicos, ou ainda, narrativas, descrições, estatísticas, imagens e representações artísticas.

A segunda premissa diz respeito ao caráter moralizante e objetivo da maioria das fontes sobre a embriaguez, como bem demonstra a história das ideias filosóficas, religiosas, médicas sobre a embriedade e a história econômica das bebidas alcoólicas. Apesar da moralidade e do aspecto normativo dessas fontes, é importante ressaltar que a embriaguez, enquanto prática cultural vai além de seus registros quantitativos e das prescrições e proibições discursivas.

A terceira premissa faz referência à história do corpo e as técnicas disciplinares e os efeitos da ingestão alcoólica na funcionalidade corpórea sem perder de vista a perspectiva interdisciplinar que o estudo do corpo permite. Mais do que historicizar as representações sobre o corpo, a questão que se coloca é justamente sobre os efeitos psicológicos, sociais e culturais do consumo alcoólicos nos corpos na história. A última premissa refere-se à possibilidade de historicizar os estados alterados de consciência que a embriaguez provoca e produção cultural presente consumo individual e coletivo das bebidas alcoólicas.

Enfim, uma história da embriaguez implica também analisar as práticas, os discursos e seus paradigmas, a saber: a abstinência, o excesso e a temperança. Aqui, situamos nosso interesse em abordar os AA como um grupo social constituído em torno de uma discursividade peculiar sobre o beber ao destacar o não beber, ou seja, a abstinência.

Os Alcoólicos Anônimos e a “Psicologização” do Alcoolismo

O ano de 1935 marca o surgimento na cidade norte-americana de Akron, Ohio da irmandade de ex-bebedores anônimos idealizada por Bill Wilson, um investidor falido de Wall Street e por Robert Smith, médico-cirurgião, ambos alcoolistas ou alcoólicos. Bill Wilson e Robert Smith reuniram um pequeno grupo de bebedores habituais e criaram a

⁵ Idem.

Fundação do Alcoólico, instituição destinada a realizar um tratamento alternativo ao alcoolismo a partir da abstinência e através de um programa de sobriedade.⁶

Somente em 1939, o nome *Alcoólicos Anônimos* surgiu a partir do lançamento do livro homônimo, conhecido também como o “grande livro” ou ainda o “livro azul”, que condensava as diretrizes e as metas do AA. O livro apresentava a definição de alcoolismo, o modo de funcionamento das reuniões de AA, relatos pessoais, orientações a familiares e a empregadores, a postura agnóstica e o programa espiritual da Irmandade.⁷

Desde seu surgimento, uma das especificidades do AA com relação aos tratamentos para alcoolistas residia numa proposta terapêutica desvinculada da medicina e da religião. O princípio consiste na formação de um grupo de alcoolistas ou alcoólicos praticantes que almejam a abstinência alcoólica a partir de um programa espiritual organizado em 12 passos e em 12 tradições. O anonimato de seus membros na vida social se apresentou como uma condição de filiação e funcionamento da irmandade. Na série de livros, livretes e folhetos que compõe a “literatura” do AA os nomes de seus principais fundadores foram abreviados para Bill W. e Dr. Bob. O próprio Bill Wilson justificou o anonimato nas origens do AA como uma forma de precaução pessoal e trabalhista:

É importante permanecermos anônimos porque somos, atualmente, muito poucos para atender o enorme número de pedidos pessoais que possa resultar desta publicação. Por sermos, na maioria, profissionais liberais ou homens de negócios, não poderíamos, em tal eventualidade, continuar a nos dedicar a nossas ocupações. Gostaríamos que todos compreendessem que nosso trabalho como alcoólicos não é nosso ganha-pão.⁸

De fato, os membros fundadores de AA eram em geral homens e profissionais liberais como: investidores, vendedores, empresários, médicos, advogados, dentre outros. Nesse contexto, acredita-se que o utilitarismo e o pragmatismo norte-americano constituíram referências centrais na concepção e na abordagem dos AA com relação ao alcoolismo e a seu tratamento. Em outras palavras, os AA ofertavam um programa personalizado e metódico coerente com as premissas neoliberais norte-americanas da primeira metade do século XX.

Bill Wilson, em suas memórias, reconheceu como antecedente direto na origem do AA à atuação dos grupos Oxford nos EUA. Outra raiz que fundamentou o programa

⁶ ALCÓOLICOS ANÔNIMOS. *Alcoólicos Anônimos*: Op Cit.

⁷ ALCÓOLICOS ANÔNIMOS. *Alcoólicos Anônimos Atinge a Maioridade*: uma breve história de A.A. São Paulo: JUNAAB, 2009. (publicação original: 1957).

⁸ ALCÓOLICOS ANÔNIMOS. *Alcoólicos Anônimos*: Op Cit. P.11.

HISTÓRIA E CULTURAS

Revista Eletrônica do Mestrado Acadêmico em História da UECE

espiritual do AA foi o pensamento de William James, psicólogo americano estudioso da consciência e das experiências religiosas. Bill Wilson (1957) destaca outra influência psicológica na origem do AA que foi a opinião do psiquiatra suíço Carl Gustav Jung sobre a cura do alcoolismo. Devido aos poucos resultados no tratamento de seu paciente Mr. Rowland, Jung constatou a impotência da medicina e da psicologia frente a “doença” alcoólica. Daí sugeriu a seu paciente uma experiência espiritual, tal qual os medievais mantinham com Deus. A receita junguiana para o alcoolismo era o espírito para o *spiritum*, ou seja, para as bebidas espirituosas ou alcoólicas. Somente uma força espiritual seria capaz de reconstituir e aparar o alcoólatra. Tais referências aos saberes psicológicos e espirituais não foram ocasionais na constituição do discurso e funcionamento dos AA.⁹ Enquanto discurso, identificamos como condição de possibilidade do surgimento dos AA, a própria psicologização, ou seja, a inserção dos saberes “psi” na definição das doenças mentais, do alcoolismo e da toxicomania e na própria concepção de eugenia e Higiene Mental corrente no pós-guerra (1939-1945).

No Brasil dos anos 50, observa-se uma conceituação do alcoolismo e da Higiene Mental distinta das primeiras décadas do século XX, por ressaltar os aspectos psicodinâmicos das doenças mentais. Manuais de Higiene Mental de Mário Yahn (1953) destacavam a historicidade e a distinção entre as primeiras concepções eugenistas e higienistas do início do século XX em comparação com as pesquisas e teorizações de início dos anos 50. Yahn (1953) ressaltava a profilaxia da loucura como meta principal na origem do movimento de Higiene Mental nos EUA idealizado por Clifford Beers.¹⁰

Beers era comerciante abastado quando após crises recorrentes foi internado e diagnosticado como psicótico. Após essa experiência publicou uma autobiografia intitulada *A mind that found itself* em 1908 e em 1912 fundou um comitê para Higiene Mental no Estado de Connecticut, com intuito de realizar uma reforma psiquiátrica nos serviços de Saúde Mental. Vale ressaltar a proximidade entre as ações de Bill Wilson e Clifford Beers. Ambos foram profissionais liberais que se tornaram pacientes dos asilos psiquiátricos das primeiras décadas do século XX. Ambos também relataram suas experiências em livro e fundaram movimentos em prol do tratamento da loucura e do alcoolismo de forma leiga, ou seja, não médica.¹¹

⁹ ALCÓOLICOS ANÔNIMOS. *Alcoólicos Anônimos Atinge a Maioridade*: Op. Cit.

¹⁰ YAHN, Mário. *Higiene Mental*. 3ª Ed. São Paulo Edigraf, 1953.

¹¹ YAHN, Mário. *Higiene Mental*. Op. Cit

HISTÓRIA E CULTURAS

Revista Eletrônica do Mestrado Acadêmico em História da UECE

Ao passar das décadas, o movimento de Higiene Mental, expandiu suas ações nos EUA através da fundação da Associação Americana de Higiene Mental (1912) e também em outros países inspirando a fundação de ligas e associações nacionais na Canadá (1918), França (1920), Inglaterra (1923) e Brasil (1923).¹²

Edwin Black destaca a primazia das ideias e das práticas eugenistas em solo norte-americano com relação à associação corrente entre nazismo e eugenia. De fato, as concepções eugenistas e o movimento de Higiene Mental ganharam notoriedade com a ascensão política de Hitler em 1932.¹³

Em 1945, a recém-nascida Organização das Nações Unidas (ONU) e seu departamento especializado Organização Mundial de Saúde (OMS) criaram um Comitê de Especialistas em Saúde Mental em substituição a seção de Higiene Mental do Departamento de Saúde da já extinta Liga das Nações. Em 1948, durante o Congresso de Higiene Mental foi criada a Federação Mundial de Higiene Mental.

A distinção da Higiene Mental praticada na aurora da década de 1950 consistia no reconhecimento gradual das questões pertinentes ao psiquismo:

Somos obrigados a dizer que a Higiene Mental teve suas origens na observação desse fenômeno tão singular, que é a loucura. Sòmente depois que se compreendeu alguma coisa a seu respeito, começaram realmente os progressos no sentido da higiene psíquica.¹⁴

O entendimento do adoecimento mental deveria levar em consideração os fatores psíquicos, sociais, a infância e desenvolvimento mental do indivíduo, considerando a disparidade psíquica entre a criança o adulto. O estudo do psiquismo era distinto dos objetos da ciência experimental e só foi possível com as teorizações de Freud que desembocaram no surgimento da psicanálise. Para Yahn¹⁵ três tipos de psicologia deveriam compor a clínica da Higiene Mental: a psicanálise, a psicologia evolutiva e a psicologia da Gestalt ou da Forma.

Nesse sentido, podemos nos perguntar qual seria a concepção de alcoolismo corrente nessa perspectiva de Higiene Mental? Szerling, sintetizou o deslocamento promovido pelo discurso higienista da referência biológica e ambiental, que considerava o álcool como

¹² LOPES, I. da Cunha. *Higiene Mental*. 2ªEd. Rio de Janeiro: Irmãos Pogentti, 1960.

¹³ BLACK, Edwin. *A Guerra Contra os Fracos: a eugenia e a campanha norte-americana para criar uma raça superior*. São Paulo: A Girafa Editora, 2003.

¹⁴ YAHN, Mário. *Higiene Mental*. P.19.

¹⁵ YAHN, Mário. *Higiene Mental*. Op. Cit.

elemento degenerador, para a referência psíquica que ratificava o alcoolismo como uma doença mental:

Até há 10 anos atrás não se tinha uma concepção exata médico-científica do problema do alcoolismo. Os conceitos vigentes provinham de pesquisa em minoria da população alcoolista, constituída pelos alcoólatras em período avançado da doença. Era então o alcoolista considerado um marginal ou delinqüente, tanto pela justiça, como pela polícia ou pelas sociedades beneficentes. (...) A psicologia do homem obrigado a destruir-se por auto-intoxicação alcoólica estava a cargo do sacerdote, das instituições sociais beneficentes e penais, dos proibicionistas ou do demônio. (...) só ultimamente médicos, sociólogos e especialmente, psicanalistas e psicólogos chegaram à conclusão de ser o alcoolista um doente, e como tal passaram a tratá-lo¹⁶

Nessa perspectiva, o médico enumerou uma série de fatores sociais e individuais causadores do alcoolismo. A indústria de bebidas, o beber entre trabalhadores, a concepção do álcool como tônico infantil, a bebida como elemento de distinção social e seu uso comemorativo e festivo, embora não sejam causadores diretos da “toxicomania alcoólica” propiciavam poderiam levar o indivíduo a um consumo excessivo, sobretudo, quando agravado pelas situações de pobreza, desajustes e exaustão no trabalho e pelas condições desfavoráveis de alimentação e habitação.

Com relação aos fatores individuais, Szerling (1953), ressaltava os aspectos fisiológicos em concomitância ou não com os mecanismos psíquicos, considerando os últimos prevalentes na maioria dos casos. Destacou a influência da educação familiar na determinação do alcoolismo dos filhos, situação compreendida a partir das teorizações psicanalíticas da época.

Considerando os efeitos da intoxicação alcoólica no indivíduo e na sociedade, o médico propôs um tratamento e uma política aos moldes do “Plano Yale” ou “Yale Center” elaborado nos EUA que consistia num departamento de pesquisa da Universidade de Yale que congregava diferentes disciplinas (medicina, fisiologia, psicologia e antropologia). Partindo dos resultados de suas pesquisas e divulgação científica de seus trabalhos, os pesquisadores elaboraram um plano de intervenção que se utilizava da psicoterapia individual, destacando a psicanálise como método mais eficaz, a psicoterapia de grupo, a medicação como tratamento coadjuvante e os “Alcoolistas Anônimos”. Este último era peculiar por sua distinção das demais ligas de temperança:

¹⁶ SZERLING, In: YAHN, Mário. *Higiene Mental*. 3ª Ed. São Paulo Edigraf, 1953. P.284.

[...] só podem fazer parte dela, os alcoolistas que conseguiram tornar-se abstêmios, ou que se esforçam por consegui-lo. Sua base é a seguinte: o antigo alcoolista encontra-se em melhores condições que qualquer pessoa para ajudar a outro a se tornar abstêmio; o melhor meio de mantê-lo será fazer que ele ajude outros indivíduos a se livrarem do álcool.¹⁷

Em solo brasileiro, um movimento de abordagem do alcoolismo em paralelo aos AA norte-americanos, segundo o médico, era a Associação Antialcoólica de São Paulo, que estava mais próxima ao formato das ligas de “temperança” do que propriamente ao modelo AA.

Apesar dessas referências a psicanálise e do declínio das referências ao melhoramento da raça e da eugenia sectária na discursividade higienista de meados do século XX, os ideais de ajustamento e normatização permaneciam.

No Brasil, os primeiros registros sobre AA, datam entre os anos de 1945 e 1947, quando membros dos AA de origem norte-americana começaram a viajar a trabalho e a residir no Rio de Janeiro. Esse foi o caso de Lynn Gondale, Don Newton, Herbert L. e Douglas Claders que morando no país buscaram materiais impressos e informações junto a Secretaria Geral nos EUA sobre outros membros de AA registrados e também residentes no Rio de Janeiro. Herbert L. destacou-se ao fundar o primeiro grupo oficial de AA no Brasil.¹⁸

Com relação à inserção dos AA em Fortaleza, identificamos também como antecedentes, a inserção dos saberes “psi” e de novas terapêuticas e concepções sobre o alcoolismo como condições de possibilidade.

Os tratamentos do alcoolismo em Fortaleza

Nas décadas de 1950 e 1960, as práticas terapêuticas para o alcoolismo na cidade de Fortaleza privilegiavam a internação asilar e o uso de psicofármacos.

José Maria Nascimento Pereira, médico psiquiatra cearense, revelou que das 6.868 internações registradas no Hospital São Vicente de Paulo entre os anos de 1948 a 1957,

¹⁷ SZERLING, In: YAHN, Mário. Higiene Mental. P.292.

¹⁸ ALCOÓLICOS ANÔNIMOS. História de A.A. no Brasil. In: <http://www.aa-areasp.org.br/portal/irmandade/historia/aa-no-brasil.html>. Acesso em 07/07/2011.

HISTÓRIA E CULTURAS

Revista Eletrônica do Mestrado Acadêmico em História da UECE

524, ou seja, 7,5% eram de alcoolistas. Enquanto que os neuroluéticos e epiléticos representavam 0,9% e 3,5%, respectivamente:¹⁹

	Lues	Epiléticos	Etilista	Outros	Total
Total	68	248	524	5.928	6.868
Porcentagem	0,9%	3,5%	7,5%	88,1%	100%

Dentre os internos alcoolistas 97,3% eram homens, 46,7% casados, 34,9% na faixa etária de 30 a 39 anos e 33,5% entre 20 a 29 anos, 67,1 % eram de cor da pele parda e 75,7% eram da capital em contraste com os 23,3% do interior do estado. O médico ressaltava ainda que em comparação com as outras duas instituições psiquiátricas da cidade (privadas) os internos alcoolistas das referidas instituições representavam 10,6% do total de internos. Quanto à ocupação profissional dos internos alcoolistas, havia o predomínio de operários 29,3%, agricultores 20,6% e sem profissão 25,3%. Foram registrados ainda os ofícios de funcionário público 10,8%, comerciário 7,2% e comerciante 4,1%. O tempo de permanência médio dos alcoolistas no hospital psiquiátrico era de um a três meses.

Com relação a alta hospitalar, o médico apresentou os seguintes números:²⁰

	Lues	Epiléticos	Etilistas
A pedido	18%	41,5%	-
Melhorado	10,8%	15,7%	83,2%
Curado	43,7%	1,2%	-
Evasão	9,0%	8,9%	10,5%
Falecimento	14,4%	31,8%	6,2%
Sem referência	-	1,2%	-

¹⁹ PEREIRA, José Maria Nascimento. Dados Comparativos Sobre os Internamentos de Epiléticos, Neuroluéticos e Etilistas. Revista da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará. Vol.7,pp.59-63, 1967.

²⁰ PEREIRA, José Maria Nascimento. Dados Comparativos Sobre os Internamentos de Epiléticos, Neuroluéticos e Etilistas. Revista da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará. Vol.7,pp.59-63, 1967.

Vale ressaltar a predominância do motivo de melhoramento em oposição à porcentagem zero de cura. Tal fato, nos levar a cogitar que a internação psiquiátrica dos alcoolistas era sempre recorrente, ou seja, evidencia uma reincidência constante de novas internações, levando ainda a consideração do tempo de permanência de um a três meses. Não registrar a cura, implica na inexistência desse conceito no discurso médico no tratamento do alcoolismo. Concluiu Pereira que as “condições excessivamente precárias” do HSVP favoreciam os falecimentos e as evasões consideradas altas. Comparando os internos etilistas, neuroluéticos e epiléticos, os últimos eram em sua maioria oriundos do interior do estado, enquanto vimos acima que 75,7% dos etilistas eram da capital. Constatou o médico que “a localização de todos os hospitais psiquiátricos (públicos e particulares) na Capital, facilitando sobremaneira os internamentos alcoolistas”²¹ Mais adiante ressaltou que Fortaleza possuía 8 hospitais psiquiátricos enquanto o interior do estado nenhum. Tal fato favorecia a migração considerada alta de pacientes para internamento nas instituições da capital provocando a superlotação dos hospitais psiquiátricos.

Podemos nos perguntar qual era a terapêutica médica para o alcoolismo oferecida por estas instituições psiquiátricas no período em questão. A década de 1950 marcou o surgimento dos psicofármacos no campo médico psiquiátrico para o tratamento das doenças mentais e do alcoolismo²². A Clopromazina foi o primeiro medicamento antipsicótico fabricado na terapêutica da loucura. O uso medicamentoso era associado a outras terapêuticas como tratamento auxiliar, conforme indicou Yahn²³ ou poderia configurar como tratamento principal. Pereira²⁴ também se dedicou a um estudo sobre os efeitos da Perfenazina, medicamento de propriedades sedativas, na terapêutica do alcoolismo. O medicamento foi utilizado em um grupo de 30 pacientes alcoolistas crônicos, do sexo masculino, com idade entre 28 a 59 anos. Em seu estudo apresenta em linhas gerais um breve perfil dos internos:

P.N., 31 anos, masculino, casado, pardo, tecelão. Internado com alucinações auditivas e visuais, insônia, contrações musculares no pescoço e nos braços. [...]
M.S.F., 28 anos, masculino, solteiro, pardo, operário. Internado com crises de choro, alucinações auditivas e visuais de aspecto terrorífico. [...]²⁵

²¹ PEREIRA, José Maria Nascimento. Dados Comparativos Sobre os Internamentos de Epiléticos, Neuroluéticos e Etilistas. Revista da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará. Vol.7,p.60.

²² ESCOHOTADO, Antonio. Historia General de Las Drogas. 5ª ed. Madri: Espasa, 2002.

²³ YAHN, Mário. Higiene Mental. Op. Cit.

²⁴ PEREIRA, José Maria Nascimento. A Perfenazina no Alcoolismo. Revista da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará. Vol.2, 1962, pp.108-110.

²⁵ PEREIRA, José Maria Nascimento. A Perfenazina no Alcoolismo. Revista da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará. Vol.2, 1962, p.110.

Nesses breves relatos de anamnese com também nos outros relatos, pode-se evidenciar um perfil geral de homens pobres, de cor parda, ocupando ofícios tecelão, operário, comerciante, pescador, dentre outros. O médico psiquiatra Josué de Castro constatou após estudo estatístico em 1974, que os alcoolistas urbanos representavam 20,5% e os alcoolistas rurais 7,8% da população internada no HSVP e no Pronto Socorro Psiquiátrico. Como explicação para a prevalência da população urbana Castro considerou que

Os dados supra-mencionados nos levam a crer que as civilizações metropolitanas encontram no alcoolismo a narcotização da ansiedade e das frustrações psicossociais, do estresse sociogênico, com expressiva posição entre as causas de enfermidade psiquiátrica entre pacientes hospitalizados.²⁶

Esta relação entre a vida urbana e o consumo de bebidas alcoólicas indica a tênue fronteira entre o terapêutico e o nocivo, a moderação e o excesso, entre a saúde e a doença. Tal concepção médica do alcoolismo, apesar de não diferenciar o uso do abuso, ao enfatizar a causalidade psíquica e social revela o beber patológico como sintoma dos conflitos urbanos.

O início dos AA em Fortaleza

No final da década de 1960, a fundação de um grupo de AA em Fortaleza representou uma alternativa ao tratamento hospitalar-psiquiátrico historicamente associado às detenções policiais. O registro histórico²⁷ e os relatos mnemônicos dos AA em Fortaleza atribuem à origem da irmandade na cidade a iniciativa do médico cearense Vinício M. em buscar tratamento para seu alcoolismo. Desde sua formação na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro até sua atuação como médico no município de Pedra Branca-CE, Vinício M. era conhecido como bebedor inveterado, fato que teria prejudicado seu trabalho. Foi encaminhado ao Rio de Janeiro para realizar uma desintoxicação hospitalar e psicoterapia. Após o tratamento foi exercer sua profissão no interior do Paraná, onde toma conhecimento dos AA ao ler um volume da Revista Brasileira de Psiquiatria que abordava o fracasso da medicina

²⁶ CASTRO, Josué de. Incidência do alcoolismo entre pacientes rurais e urbanos. Revista da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará. Vol.14(1/2), 1974, p.63.

²⁷ Revista Vivência, maio/junho 1988

perante o alcoolismo. De volta a Fortaleza, encontrou Glasdstone, jovem de classe abastada que havia começado a beber excessivamente após a morte do pai. Gladstone, também conhecido como “boy” pelos amigos, foi ao Rio de Janeiro em busca de trabalho. Contudo, continuou a beber e vagar pela cidade, chegando a ser recolhido pelo Centro de Recuperação de Mendigos. Lá conheceu um marinheiro cearense chamado F. Valdir que havia sido expulso da marinha por beber em demasia. Este apresentou a Gladstone os textos de Bill Wilson sobre os AA.

Os relatos sobre as origens do AA em Fortaleza apontam para uma região específica do centro da cidade como o espaço privilegiado do beber inveterado. Tratava-se da área conhecida por seus frequentadores como “Vietnã” ou “triângulo da morte” por estar situada entre as diagonais das ruas do Rosário e Gen. Bezerril e limitada pela Rua Pedro Borges. O articulista da Revista Vivência em artigo comemorativo aos 20 anos dos AA em Fortaleza, realizou uma descrição nefasta do “Vietnã”:

Aqueles ruas eram impregnadas com miasmas não identificáveis, bafejados pelas torpes biroscas de freguesia decadente, sem direito a exigências. Não havia música, nem mesmo um rádio de pilha. O vozerio, os gritos nas disputas na ‘porrinha’, ou no ‘bozó’, discussões políticas e de futebol e palavrões interruptos dispensavam outra espécie de som. Embora a frequência fosse maior a partir das 5 horas da tarde, às 6 da manhã já os ‘trabalhos’ estavam iniciados.²⁸

Seguindo o relato, os frequentadores do “triângulo da morte” eram identificados como funcionários públicos, aposentados, desempregados, trabalhadores licenciados por motivo de saúde, além dos solteiros e divorciados.

Foi nas proximidades do “Vietnã” que surgiu o primeiro local de encontros regulares de AA na cidade num quarto alugado da “Pensão da D. Raimundinha”. Por iniciativa conjunta de Gladstone e Vinício M., unidos a outros participantes, o grupo reunia-se conforme as diretrizes da literatura de AA recém-traduzidas no Brasil. Desses encontros surgiu o Grupo Central Fortaleza oficializado em 27 de junho de 1968 em sessão pública com 20 participantes. Antes desse nascimento oficial, houve uma tentativa de fundação do primeiro grupo AA da cidade em 1966 por iniciativa de J.Cerqueira natural de Alagoas. Tal grupo que contava com a participação de Vinício M. também foi oficializado em 17 de

²⁸ Revista Vivência, maio/junho 1988. p.06.

setembro de 1966 no Departamento Estadual de Saúde. Porém, com pouco tempo de funcionamento o grupo foi desfeito em virtude da “recaída” de seu idealizador.²⁹

Uma das primeiras ações após a reunião oficial do Grupo Central de Fortaleza foi recorrer à divulgação dos AA na cidade. Além da distribuição de 5.000 folhetos informativos e da propaganda na Rádio Verdes Mares, uma coluna semanal intitulada “No Mundo Torvo do Álcool” foi publicada no jornal O Unitário a partir de outubro de 1968.³⁰ A coluna assinada por “Jofra Pama” pseudônimo de Padilha, membro do Grupo Central de Fortaleza e antigo frequentador do “Vietnã”.

A crônica “O Óbito Escolhido” contava a história de Jaime, descrito como feio, franzino, desengonçado, de rosto malfeito, mas que chamava à atenção por sua conversa inteligente. Era “contabilista” de uma grande empresa com sua rotina limitada entre a fábrica, a casa e o bar. Morava próximo ao trabalho não necessitando de transporte. Porém, para ir ao bar precisava tomar dois ônibus. Aos poucos, sua frequência ao bar foi aumentando, como também as doses diárias de aguardente. Bebia todas as manhãs e apresentava tremores quando abstinente. Perde seu emprego e passa a morar no próprio bar. Foi internado após várias complicações orgânicas vindo a falecer, momento em que o médico “escolhe” o diagnóstico de insuficiência cardíaca.

Em outra crônica, “O Último Gole”³¹ o colunista relatou a história de Nonato, de boa aparência, cabelos loiros, alegre e sempre rodeado dos amigos. Dizia que após a morte da esposa contraíra uma dívida, fato esse que o fazia pedir dinheiro aos conhecidos e a realizar empréstimos com agiotas. Segundo o colunista, tratava-se de uma mentira o fato da dívida: Nonato esbanjava dinheiro em bebedeiras levantando a suspeita dos amigos de que o mesmo ganhara na loteria ou no jogo do bicho. Por causa da pressão dos agiotas e a ameaça de prisão Nonato planejou internar-se num hospital para desintoxicação e após três meses de tratamento negociar sua dívida. Não cumprindo seu propósito retornou ao bar onde bebeu rodeado de mulheres ao som da vitrola que tocava “Banho de Lua”. Depois de sua última bebedeira, em casa Nonato teve crises alucinatórias. Cessada as crises, empregada encontra seu corpo estendido na cozinha e ao seu lado um frasco de arsênico que o levou a morte.

²⁹ Idem.

³⁰ Jornal O Unitário, 1968.

³¹ Jornal O Unitário, 1968.

Tais relatos da coluna “No Mundo Torvo do Álcool” eram inspirados nas experiências pessoais dos bebedores testemunhadas ou não pelo articulista. O propósito notório de sua escrita era advertir sobre a nocividade do álcool apresentado com a causa do vício, das doenças, do desemprego e da decadência física e pessoal. Em outras crônicas, havia também relatos de superação a bebida a partir do ingresso nos AA, como foi o relato *Lycam Power* que segundo o colunista fazia parte de um livro de sua autoria no prelo. Ao final de cada crônica Jofre Pama escrevia um dos mais difundidos jargões dos AA: “Se seu problema é beber o problema é seu. Se seu problema é parar de beber o problema é nosso”.

Vale ressaltar a peculiaridade do grupo inicial de AA em Fortaleza em divulgar o serviço da irmandade na imprensa, rádio e televisão. Tal fato nos chama a atenção, pois apesar da regra fundamental do anonimato o grupo estava preocupado com sua existência e continuidade. Em outras palavras, preservar o anonimato, mas, ao mesmo tempo, oferecer os serviços do grupo aos alcoólicos fortalezenses.

Considerações Finais

Por fim, constatamos uma relação estreita entre os rumos da Higiene Mental, da Eugenia e dos Alcoólicos Anônimos, sobretudo nas décadas de 1950 e 1960 a partir da referência constante aos saberes psicológicos e psicanalíticos. Destacamos o contexto histórico do surgimento de tais tendências em solo americano, um dos berços da “biopolítica”, ou seja, uma política interventiva sobre a vida das populações, conforme Foucault.³²

Na capital cearense, a inserção dos AA foi possível a partir do estabelecimento de relações identificatórias entre os membros pioneiros com os grupos de outras cidades, sobretudo, o Rio de Janeiro. Para os primeiros grupos fortalezenses, o recurso a imprensa e o registro de suas experiências pessoais foram fundamentais para o estabelecimento da Irmandade em solo cearense. Vale observar que o recurso a história, a memória e a tradição perpassam a “literatura” e a organização grupal dos AA.

Entre os membros de AA a identificação com a doença, o programa terapêutico espiritual e o ideal abstêmico, se apresentam como elementos constituintes da Irmandade e de

³² FOUCAULT, Michel. Nascimento da Biopolítica: curso dado no Collège de France (1978-1979). São Paulo: Martins Fontes, 2008.

HISTÓRIA E CULTURAS

Revista Eletrônica do Mestrado Acadêmico em História da UECE

seus grupos. Tais elementos serviram também de modelo para o surgimento de outras irmandades de ajuda mútua como os Narcóticos Anônimos (NA), os Dependentes de Amor e Sexo Anônimos (DASA), as Mulheres que Amam Demais (MADA), os Devedores Anônimos (DA) e os Comedores Compulsivos Anônimos (CCA), todos presentes nas principais capitais brasileiras, incluindo Fortaleza.

Acreditamos que essa pesquisa contribuiu para os estudos sobre a historicidade das práticas de consumo alcoólico e sua relação com os discursos e instituições que abordaram o alcoolismo como uma patologia urbana.